

Cidade, política e subjetivação: Marco Polo visita o Rio de Janeiro

City, Politics and Subjectivation: Marco Polo visits Rio de Janeiro.

José Rodrigues de Alvarenga Filho; Manuela Linck de Romero; Maria Helena Zamora

Universidade Federal Fluminense; Instituto Félix Guattari; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo problematizar a experiência urbana contemporânea, colocando em questão a segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro. Os espaços segregados e suas barreiras físicas são abordados como dispositivos que representam embates biopolíticos e determinam formas de existência e de relação com o outro e com a cidade. Mais especificamente, este artigo busca produzir outros olhares sobre a cidade e seus habitantes na medida em que convida o leitor à análise das forças que os atravessam, bem como daquilo que é cotidianamente naturalizado. Para tal, através de um exercício de ficção, utilizamos o olhar estrangeiro do explorador Marco Polo. Este, por meio de uma narrativa literária, relata ao imperador Kublai Khan a política das subjetivações e das interações sociais percebida em sua visita ao Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; espaços urbanos; produção de subjetividade.

ABSTRACT:

This article aims to discuss the contemporary urban experience by raising the issue of socio-spatial segregation in the city of Rio de Janeiro. The segregated spaces and their physical barriers are approached as apparatus which represent biopolitical clashes and determine ways of existing and relating to others and cities. More specifically, this article aims to produce other outlooks on cities and their residents as it invites de reader to analyse the forces that affect them and that which daily becomes considered to be natural. For such, we have used the explorer Marco Polo's foreign viewpoint. In literary form, Marco Polo gives Kublai Khan an account of the politics of subjectivation and social interactions he noticed upon his visit to Rio de Janeiro.

Key-words: Rio de Janeiro; urban spaces; production of subjectivity.

Introdução

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas umas sobre as outras, os

encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam.
(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*)

“Cloé” é uma das cidades imaginárias descrita pelo explorador Marco Polo ao grande imperador dos tártaros, Kublai Khan, no encontro criado por Ítalo Calvino (2003) em “As Cidades Invisíveis.” Cidade grande que, aos olhos do estrangeiro Marco Polo, desnuda-se numa teia de relações sociais em que sua população não se fala, não se vê, não se encontra. Estão todos muito perto e, ao mesmo tempo, estranhamente distantes.

Cloé parece muito com as metrópoles brasileiras. As interações sociais são atravessadas pelo medo, desconfiança e incerteza sobre o outro. Este é pensado como uma potencial ameaça; um enigma que não nos convida ao encontro curioso, antes ao distanciamento temeroso. Como Marco Polo de Calvino, inspirados em Benjamin (1997) e nas narrativas de viajantes, propomos lançar um olhar “estrangeiro” sobre a cidade que nos é familiar: o Rio de Janeiro.

Experimentar um outro olhar para uma cidade implica colocar em análise as forças que a atravessam, bem como aquilo que é cotidianamente naturalizado. Por este viés, desejamos nos distanciar e estranhar a política das interações e subjetivações no espaço urbano do Rio de Janeiro.

Para tanto, imaginemos que Marco Polo esteja visitando o Rio. Disfarçado como turista, o veneziano passeia pelas ruas cariocas. Ele cruza a cidade enquanto deixa, estratégica e metodologicamente, que a cidade o cruze e proponha questões, que as intensidades produzidas pelos encontros possam afetá-lo. Como o Rio de Janeiro virou a sede de megaeventos – Rio + 20, 2012; Jornada Mundial da Juventude, 2013; Copa do Mundo de Futebol 2014; Olimpíadas, 2016 – e tornou-se destaque no cenário internacional, o imperador Kublai Khan pediu que o seu explorador viajasse até o Rio de Janeiro e lhe respondesse: “Diga-me: como é a cidade? Sobretudo, que relações são tecidas por lá?”

Das favelas aos enclaves fortificados: há tantos rios neste Rio de Janeiro

Ao desembarcar no Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, Marco Polo pega um táxi em direção ao centro da cidade. O taxista puxa conversa, mas o explorador está mais interessado no cenário que se descortina diante de seus olhos. Ao sair da Ilha

do Governador, o táxi cruza pela Avenida Brasil. Os olhos do explorador se perdem maravilhados sobre a imagem das favelas em torno da via carioca. Desconcertado, ele olha para Manguinhos e vê um palácio no meio de um mar de entranhada pobreza. “Como é isso?” O motorista avisa que é um Centro de Pesquisa. Em todas as cinquenta e cinco cidades que visitou e narrou para Klubai Khan (CALVINO, 2003), nenhuma possuía uma dinâmica de tantas construções e tão variadas como aquela.

Um pouco mais tarde, ele descobriria que a cidade que produz carnaval, futebol e sedia megaeventos é também a cidade que fabrica seres humanos refugados (BAUMAN, 2004). Marco Polo cruzou com populações inteiras transformadas em resíduos pela globalização da economia, pessoas que “[...] já nascem sem lugar possível no mercado de trabalho.” (ZAMORA, 1999: 185). Como alerta Bauman (2004), são os considerados redundantes do ponto de vista material e intelectual. A modernidade se caracteriza tanto pela produção incessante do novo, como pela produção desses consumidores e trabalhadores falhos, uma “massa permanentemente supérflua” (DAVIS, 2006:23). Como afirma Santos (2000: 69), “[...] há uma disseminação planetária e uma produção globalizada da pobreza [...] mas é também uma produção científica, portanto, voluntária, de pobres da dívida social, para a qual, na maior parte do planeta, não se buscam remédios.” Dia após dia, essa linha de fronteira entre os “incluídos” e os “sobrantes” é reavivada.

O explorador respira fundo. A miséria que vê o faz lembrar de outras e diferentes misérias. A lembrança lhe dói. Ele se pergunta: “o que fazem estes excluídos, desempregados, em uma realidade em que o capital e o consumo são definidores da liberdade e da cidadania?” Confrontados pela tarefa de ganhar os meios para sua sobrevivência, muitos vão fazer das ruas o seu espaço de busca por algum sustento.

Nas ruas, Marco Polo cruzou com os refugos cariocas. Com eles, travou contato e, pelo que parece, teceu amizades e parcerias. “São vidas nuas?”, perguntou-se. Lembrou-se então da antiga figura do *homo sacer* (AGAMBEN, 2007), uma vida que poderia ser exterminada sem que esse ato constituísse um delito ao qual corresponda uma punição. “É a vida alienada de qualquer direito e, por isso, matável. Empurrada para fora dos limites das regras sociais (das normas do direito, bem como, da sacralidade) e da humanidade, torna-se uma vida descartável.” (ALVARENGA FILHO, 2010: 120). Vida sem valor político, sem crédito, subtraída da possibilidade de existir. Os *homo sacers* cariocas são mortos às centenas todos os anos. São os alvos

preferenciais das históricas políticas de segurança pública. Estão eles nos autos de resistência¹ e nas páginas policiais dos jornais. Eles foram mortos em chacinas como as da Candelária (1994), de Vigário Geral (1994), de Nova Brasília (1995), da Baixada Fluminense (2005), do Complexo do Alemão (2007), entre outros tantos lugares e momentos.

O explorador italiano percebeu que os moradores das favelas são tratados como se fossem “ninguéns”² (GALEANO, 2005). Mas Polo sabia que eles eram muito mais do que isso. Aos poderes que produzem ninguéns, se desdobram práticas de resistência e invenção subjetiva. Aí estariam então os “estranhos”, tanto os que habitam as ruas da cidade quanto os que criam seus trabalhos nas esquinas, ou mendigam, pedem esmola, os ambulantes, os “flanelinhas”, os sem-teto, os “limpadores de carro”, os malabaristas, entre outros. Marco Polo pôs-se a pensar no tipo de troca que se estabelece entre esses indivíduos e aqueles da classe média e alta.

Desses “estranhos”, os transeuntes ou condutores muitas vezes fogem aos olhares como se eles não existissem; fecham a janela do carro quando se aproximam. Saem da esquina, atravessam a rua para se desviar da criança que dorme na calçada. Seriam movidos pelo medo e evitação do mal-estar que permeia o espaço público? Ou já não sentem mais nada em relação às cenas de extrema desigualdade social e descaso com grande parte dos indivíduos da cidade?

Marco Polo percebeu que o espaço público carioca parece ter se tornado um lugar destinado à passagem – de um espaço fechado e seguro a outro espaço também confinado, mas supostamente seguro. Ele próprio foi convidado, pela gerência do hotel onde se hospedou, a fazer uma passeio guiado, um *city tour* seguro. Dentro de um jipe, com outros estrangeiros, ele “conheceria” a cidade. A pé e sozinho, o explorador preferiu seguir.

Até mesmo na passagem, encontros desagradáveis com os que causam mal-estar podem ser evitados. Polo percebeu que, para se transportar pela cidade, a elite tem sempre a opção de utilizar os carros – às vezes blindados ou com vidros escuros – ou usar o transporte coletivo privado – os ônibus dos condomínios, os escolares ou de turismo. São meios de transporte de uso exclusivo para moradores exclusivos evitarem encontros indesejáveis com os “outros” que usam o transporte público. A janela do ônibus confortável basta, permite que a cidade, as favelas e a desagradável mistura da rua sejam vistos com distância pelo observador. A vida social, principalmente das camadas burguesas, se direciona assim para pequenos e seletos grupos de pessoas, que

buscam entre si o que já existe de comum – ideias e projetos de vida semelhantes (ZAMORA, 1999).

Muitos dos espaços, apesar de públicos, tendem ao fechamento e permitem uma livre circulação sem obstáculos. Marco Polo anotou que a troca mais comum nesses ambientes se dá inicialmente entre os “privilegiados” passeando felizes nos grandes centros de compras e a vitrine que reivindica “[...] o encontro entre o olhar e a mercadoria, espargindo e multiplicando a cultura do consumo.” (MIZOGUCHI, 2009: 40). “Estranho encontro!”. O *shopping center* lhe pareceu um espaço de encontros previsíveis e assépticos. Seu encontro com o Mercado da Uruguaiana, pelo contrário, lhe apresentou um espaço de misturas, barulho e inúmeras trocas. Porém, também vigiado e controlado, contudo com outros dispositivos, talvez mais brutais.

O acesso aos espaços de confinamento protegido não seria diferente nos seus locais de moradia. Seu espaço interno também está sob vigilância eletrônica e de seguranças, e sua arquitetura é planejada para expulsar qualquer um que não tenha legitimidade para estar ali. Sob a lógica da vida capital (PELBART, 2003) que nos atravessa, na hora do nosso exercício cotidiano do consumo, há uma divisão entre as classes, no que diz respeito aos locais onde cada uma pode circular.

Os pobres, as ‘pessoas da rua’, os sem-teto e os desempregados são expelidos para espaços fora dos circuitos de segurança e inclusão, espaços que são cada vez mais evitados e temidos por aqueles que costumavam passear, fazer compras e visitar a área. Dessa forma, embora essa securitização do consumo talvez consiga gerar enclaves de contentamento e incentivar a busca pelo prazer, está fundada em uma lógica excludente: os excluídos — as novas ‘classes perigosas’ — são forçados a consumir em outro lugar. (ROSE, 2000: 330, tradução nossa).

As cidades se parecem. Nos EUA, em particular em Nova Iorque, para combater a insegurança urbana, foi criada a política da “tolerância zero” – abordagem que tem se difundindo também no velho continente (WACQUANT, 2000). Ela aponta para a repressão e não considera as múltiplas condições que podem influenciar comportamentos considerados ilegais e criminosos. Tal política parece abolir qualquer distinção entre atos criminosos e comportamentos socialmente reprováveis e indesejáveis, além de conter um forte componente de perseguição racial, chegando ao uso da prisão em massa como estratégia política de luta contra a pobreza (INDOVINA, 2001; WACQUANT, 2000). O caráter estrutural da pobreza é ignorado e, em vez de estimular a reflexão da opinião pública sobre a insegurança que afeta a todos, essa

política se apresenta como sendo a solução, como estando “do lado das pessoas” que se sentem inseguras (INDOVINA, 2001). O resultado é o crescimento do sentimento de insegurança que leva os cidadãos a pedirem por intervenções cada vez mais repressivas.

Nesse ciclo sem fim, o crescente medo da violência – diga-se, da pobreza – continua então a modificar a urbanização e afetar a qualidade das interações que nela se tecem. Nas últimas décadas, tal medo foi usado como uma das justificativas para um novo modelo de segregação social: a criação de enclaves fortificados, “espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer ou trabalho” (CALDEIRA, 1997: 155). Ao caminhar pela Zona Sul, Marco Polo se depara com enormes condomínios. Câmeras em todos os lados, seguranças armados e luzes que acendem quando você passa. “Uma fortaleza! Uma prisão!”, exclamou, assustado.

Estes enclaves são espaços que vêm atraindo a elite que tem condições de pagar altos preços em busca de proteção, tranquilidade e isolamento. Consistem em novas estratégias de proteção que acabam modificando a paisagem urbana, os padrões de circulação e de residência dos indivíduos, assim como o seu cotidiano no que diz respeito às trajetórias, aos hábitos e usos do transporte público. São espaços que geram cidades fragmentadas, transformando diretamente as interações sociais, assim como a participação dos cidadãos no espaço público.

Bauman (2003: 100) aponta para o “aumento do valor do lugar” como uma consequência da nova rede global de dependências combinada com o desmantelamento da rede institucional de segurança. Paradoxalmente, no mundo que se globaliza, a política tende a ser cada vez mais local. Portanto, segundo ele, a “defesa do lugar” passa então a ser mais uma questão do bairro, um “assunto comunitário” e as empresas privadas de segurança surgem para garantir a sua proteção. O “desenvolvimento” mundial reproduz assim sua lógica pautada na desvalorização desigual dos homens e dos lugares.

Ora, muros, grades e câmeras “[...] não são objetos inertes e sim discursos que produzem respostas e agenciam subjetividades.” (VILHENA, 2005: 20). Marco Polo observa as grades de um condomínio enquanto as câmeras e os seguranças do local o observam. Depois de certo tempo, um segurança o interpela. Quer saber quem ele é, o que deseja e por que está tanto tempo ali, parado em frente ao condomínio. Postura suspeita, afinal. A sociedade de controle³ (DELEUZE, 1992) carioca se mostra à altura dos acontecimentos, mesmo que não acontecidos. Poucas indústrias foram tão

lucrativas, se expandiram tanto e ficaram tão imunes às crises políticas, ao longo dos últimos vinte anos, quanto a de segurança privada (ZANETIC, 2009).

Polo olhou para o segurança e a expressão deste era de tensão. O porteiro e alguns moradores o olhavam, com curiosidade e certo receio. Ele coçou a cabeça, pensou um pouco, até ensaiou uma resposta para a ocasião. Porém, preferiu nada dizer. Deu de ombros e continuou andando. Sorriu quando imaginou que o tomaram como perigoso. O sorriso se escondeu quando percebeu que, naquele contexto, qualquer um pode se transformar em suspeito. Que tipos de subjetividades são produzidas a partir deste conjunto infundável de práticas de segurança e controle incessante?

Marco Polo anda pelas ruas cariocas, passeando entre vielas de favelas e grades de condomínios. São tantas cidades dentro de uma única e mesma cidade... Sobretudo, há inúmeros processos de subjetivação engendrados nos espaços urbanos. A produção de subjetividade, para Guattari (1996), refere-se aos diferentes modos de experimentar e viver o mundo. Subjetivação não concerne, por outro lado, à ideia de natureza humana. Antes, pensa esta como o efeito de uma produção histórica e social atravessada por variados fatores. Por este viés, os espaços urbanos são um dos atravessamentos que Marco Polo observa desenhar modos de subjetivação nos cariocas.

A produção de segregação, a partir da elaboração de uma estética da segurança que caracteriza a construção de enclaves, é bastante disseminada. Segundo Mizoguchi (2009: 15), “[...] à sombra da violência, da insegurança e de um ideal de comunidade homogênea, declinam a experiência, a multiplicidade e a diferença.” Anúncios imobiliários de condomínios, especialmente na Barra da Tijuca, seguem a mesma linha de articulação de homogeneidade, instalações, serviços e a garantia da vida de “sua família tão protegida quanto as obras de arte mais valiosas.”⁴ Como observa Caldeira (1997: 160), a imagem dos enclaves acaba por se opor à da cidade, representada por um mundo permeado de poluição, barulho, confusão e mistura, ou seja, “heterogeneidade social e encontros indesejáveis.” Tal mixofobia (medo de misturar-se) se manifesta como impulso em direção a supostas “ilhas de identidade” e de fabricada semelhança espalhadas no grande mar da variedade e da diferença (BAUMAN, 2009).

A escolha das classes mais altas pela vida “condominizada” é feita em busca de uma “comunidade segura” que, segundo Bauman (2003), não passa de uma mutação do “gueto voluntário”. O autor se baseia no sociólogo Loïc Wacquant (2004), que os define como locais em que o confinamento espacial é combinado ao fechamento social,

complementados pela homogeneidade dos indivíduos de dentro e a heterogeneidade dos que estão de fora. A diferença entre os guetos voluntários e os guetos reais estaria no fato de que “[...] os guetos reais são lugares dos quais não se pode sair enquanto [...] o principal propósito do gueto voluntário, ao contrário, é impedir a entrada de intrusos – os de dentro podem sair à vontade.” (WACQUANT, 2004: 106). Então, “[...] os que optam pelas comunidades cercadas tipo gueto podem experimentar sua segurança da mesma maneira como um lar; as pessoas confinadas no verdadeiro gueto vivem em prisões.” (BAUMAN, 2003: 107). Em suma, gueto significa impossibilidade de comunidade.

Da produção do esvaziamento dos espaços públicos: “que dá medo do medo que dá”.

*Tenho medo de parar e medo de avançar
Tenho medo de amarrar e medo de quebrar
Tenho medo de exigir e medo de deixar
Medo que dá medo do medo que dá
O medo é uma sombra que o temor não desvia
O medo é uma armadilha que pegou o amor
O medo é uma chave, que apagou a vida
O medo é uma brecha que fez crescer a dor.
(Lenine, Medo)*

Marco Polo percebe que há no Rio de Janeiro, bem como em outras cidades do mundo, uma política de esvaziamento dos espaços públicos. Richard Sennet (1988) considera este fenômeno e a ênfase dada ao privado como marcas do século XIX. A reivindicação por um espaço privado foi uma invenção do discurso e da subjetividade burguesas (PECHMAN, 1994; ZAMORA, 1999) que veio reordenar o espaço público, tornando-o um inimigo da sociabilidade dos pobres, da mobilidade espacial, do suposto direito de ir e vir e a sua real possibilidade de fazê-lo. Uma restrição óbvia à sociabilidade dos pobres é o fato de que muitos deles podem ter o acesso negado a inúmeros locais “elitizados.”⁵ Mas podemos pensar que os ricos também têm sua circulação restrita, uma vez que o medo os mantém distantes dos espaços por eles identificados como perigosos.

O Individualismo, a partir do Renascimento e do Iluminismo, apesar de ter como base os ideais da Revolução Francesa de igualdade, fraternidade e liberdade, não consolidou a possibilidade do exercício de direitos iguais a todos os indivíduos, mas acabou por produzir “[...] de maneira mais visível a desagregação dos laços sociais e políticos, a retração da vida pública em proveito da esfera privada.” (VALADIER, 2009:

101). A estrutura da sociedade de indivíduos é caracterizada então pela sua regulação econômica e a relação entre os homens passa a ser mediada pelas coisas.

Souza (2008) denomina de "fobópole" a cidade na qual o medo impregna o cotidiano, ganhando dimensão central na vida das pessoas comuns, condicionando os mais diferentes aspectos da existência. O autor recorre a esta palavra para resumir o que acontece nas cidades nas quais o medo e a percepção da ameaça, do ângulo da segurança pública, assumem uma posição cada vez mais importante. Para o autor, isso tudo se relaciona, complexamente, com ações de tipo defensivo, preventivo ou repressor, por parte do Estado ou mesmo da sociedade civil, o que tem claras implicações em matéria de organização do espaço urbano e das relações sociais.

Marco Polo percebeu esse medo onipresente, que vai tanto imobilizar quanto determinar o circular pela cidade: a forma e os locais por onde se anda ou não se anda, as ruas, as praças e as esquinas onde se evita passar. Os habitantes desenvolveram "estratégias de proteção" – a alguns lugares não se vai em determinados horários e a outros locais não se vai em horário algum. O medo não faz nem reforça laços sociais, mas afasta as pessoas mesmo próximas. Como também afirma Souza Filho (2001: 14), "[...] a construção do espaço da sociedade é sempre um empreendimento marcado pelo controle social em que o medo é um ingrediente fundamental."

Bauman (2009) afirma que o "capital do medo" pode ser transformado em qualquer tipo de lucro político ou comercial. Para o autor, a segurança pessoal talvez tenha se tornado o argumento mais poderoso de qualquer estratégia de *marketing* e as ameaças à segurança são diariamente expostas nos meios de comunicação de massa a fim de aumentar a audiência das emissoras. Esse panorama de medo incide diretamente sobre as condições da vida urbana ao moldar o nosso olhar, o modo como percebemos a existência na cidade e até "[...] as esperanças e apreensões que tendemos a associar ao ambiente urbano, ao ponto de distorcê-lo." (BAUMAN, 2009: 56).

A violência urbana⁶ é de fato uma questão central da cidade do Rio de Janeiro, mas certamente a sua definição, assim como a ideia que fazemos de sua dinâmica, de suas causas e possíveis soluções variam de acordo com projetos políticos distintos e diferentes pertencimentos sociais e territoriais. Como já pudemos perceber, há uma dimensão política na produção de uma "[...] cultura do medo, que habitua todos a aceitar como necessária e legítima a utilização da violência sobre o corpo, a imposição de castigos cruéis e a condenação de pessoas à morte." (SOUZA FILHO, 2001: 9).

Ressalte-se que a violência deve ser compreendida como o efeito de inúmeros atravessamentos sociais, sobretudo da própria estrutura capitalista de nossa sociedade. A violência é o resultado de uma produção, não um acidente ou o resultado inexorável de nossa condição humana. Contudo, o “shownarlismo” (ARBÉX JÚNIOR, 2005) tanto reproduz a violência em seus discursos como ajuda a alimentar uma cultura do medo e da insegurança.

Marco Polo nota que no Rio de Janeiro, a realidade se constrói a partir de uma aliança entre medo e a ideia de segurança pública. Ele sentiu isso na pele, várias vezes. Há um clamor por mais punições que passeia pelos espaços e se corporifica nas construções urbanas. Cria-se uma imagem de guerra permanente, fazendo funcionar uma engrenagem de controle social alimentada por essa lógica, onde a mídia ocupa um papel importante (NASCIMENTO e ZAMORA, 2012).

Vivendo suas aventuras maravilhosas desde quinze anos, tudo o que lê, ouve e vê nesta cidade o faz pensar nas vezes que viu uma cidade armada, no alto de suas muralhas, pronta para o cerco ou a invasão do exército de um reino inimigo. No “estado de guerra” criado, percebe ele, contudo sem invasão estrangeira, acaba-se por convocar a sociedade para pedir por mais repressão. A favela e seus moradores e o povo da rua são colocados como os fomentadores do medo, como se crime e violência se originassem ali. Tornam-se então naturalizadas as práticas que mesmo nas guerras são violentas: revistas, prisões sem justificativa e execuções.

A globalização como está dada coloca como muito semelhantes, em seus medos, outras cidades contemporâneas. São cidades parecidas e igualmente medrosas. O processo da globalização implica a intensificação da homogeneização subjetiva – fabricando uma subjetividade capitalística serializada (GUATTARI e ROLNIK, 2010). Neste sentido, Polo nota que a hospitalidade sagrada, o acolhimento fraterno ao estrangeiro, em suas diferenças, não são mais práticas comuns. Xenofobia, racismo, mixofobia, ódios de classe grassam. Estrangeiros na Europa, mesmo na sua Itália, antes chamados a trabalhar, são agora os “extracomunitários” (sic). Ele lembra do andarilho e cantor, que lhe contou suas mágoas: “Sou a arraia no mar, o fantasma na cidade. Minha vida é proibida, diz a autoridade.”⁷

Para Foucault (2004), o biopoder busca regular todos os fenômenos da vida produzindo um sofisticado controle sobre os corpos individuais e as populações. Neste contexto, as cidades são também o efeito de uma lógica disciplinar de controle. Seus espaços são estrategicamente esquadrihados, controlados, vasculhados e se tornam

alvo de uma política de visibilidade que tanto inspira segurança como cerceia. Entretanto, o controle dos corpos dos cidadãos e de suas formas de viver não se limita aos espaços fechados e de confinamento, tal como na sociedade disciplinar (FOUCAULT, 2004), mas ocorre de forma mais flexível, móvel, contínua. Os dispositivos de poder e controle adquirem fluidez, tornando possível sua atuação em todas as esferas sociais. “Aquele rapaz negro disse bem”, pensou Marco Polo: “as grades do condomínio são para trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que está nesta prisão.”⁸

Resistências: outros cantos de uma cidade múltipla

*Carregamos no peito, cada um, batalhas incontáveis.
Somos a perigosa memória das lutas.
Projetamos a perigosa imagem do sonho.
Nada causa mais horror à ordem
do que homens e mulheres que sonham.
Nós sonhamos. E organizamos o sonho.
(Pedro Terra, *Os Filhos da Paixão*)*

Sua viagem estava perto do fim e ele resolveu ir uma última vez ao centro da cidade. Nesses dias intensos de viagem, ele percebe o som de uma música rápida e alegre e se deixa guiar por ela. Chega então à esquina da Avenida Rio Branco e percebe pessoas rodeando o grupo que produzia a música que o atraiu. Algumas pessoas colocavam moedas dentro de um chapéu, muitas com o mesmo olhar contemplativo que Polo tinha agora em seu rosto.

Pleno do sentimento da cidade, ele teria passado a tarde toda. Mas andou, andou e voltou à Praça São Salvador. Lá se deparou com crianças, as mesmas que muitas vezes ele havia visto dormindo nas calçadas e correndo pelas ruas. Dessa vez elas estavam brincando e se divertindo nas águas do chafariz. Parou mais uma vez. Aquela diversão toda o contagiou. Alguns transeuntes olhavam a cena com estranhamento e reprovação, mas os policiais fizeram vista grossa. A alegria daquelas crianças aconteceu. Outros passantes também sorriram e pensaram, talvez, na infância, supunha Polo.

Ele ficou um tempo observando e se impressionou com a forma como tais crianças incorporam a rua, gradual e progressivamente. Elas parecem estabelecer com ela uma relação processual, diferenciada, uma relação de referência com seu espaço prioritário de vida (GATTO, 2011). O “estar na rua” delas difere do “estar na rua” daqueles que por elas passam – trata-se de diferentes mundos que se confrontam em um

mesmo espaço urbano. “Rua é casa. Chafariz é chuveiro; outros meninos e meninas são irmãos; céu é teto. Há muitos inimigos, mas há valentia...” percebia Marco Polo.

Muitos foram os regimes afetivos produzidos em seu corpo neste percurso – o que também ocorre com o corpo sensível dos cidadãos do Rio. “Será que eles percebem que tantos afetos são produzidos na experiência que eles fazem de sua cidade?”, ele se pergunta. O corpo é construído na relação com outros corpos e na interface com a dimensão espacial e social das ruas da cidade; sente, é afetado enquanto vivo pelo mundo e, portanto, é o corpo na condição de campo de forças se agitando, em sua capacidade vibrátil (ROLNIK, 1989). O afeto é incorporado à textura do corpo, no qual lógicas e temporalidades totalmente distintas regem movimentos paradoxais: um movimento que leva à projeção dos afetos e o movimento que faz o corpo ser atravessado pelas forças do mundo, experiência que pode ser dura, que pode ser avassaladora, que pode ser doce, do disruptivo, do imprevisível, mas que produz, que cria, para além da representação e da razão propostas como dominantes. Uma abertura! Só ela permite ao outro participar da construção de nossos territórios de vida (GUATTARI e ROLNIK, 2010). Ou seja, só ela permite viajar.

Chega o último dia de Marco Polo na Cidade Maravilhosa. Neste dia, algo bastante diferente está acontecendo. Ele fica impressionado com o número de pessoas nas ruas naquele final de tarde. “Será uma festa? Cortejo ou algum tipo de ritual?”. Ele vê cores, sons, músicas e pessoas entoando juntas frases sonoras. “Talvez esta seja a tal comemoração do Carnaval...”. Algumas com máscaras em seus rostos, muitas segurando cartazes. Homens, mulheres, idosos, jovens, crianças, classes e cores diversas. Sentindo a força daquela movimentação, ele afinal compreende: tratava-se de uma grande manifestação da população, reivindicando a redução do preço da passagem de ônibus e outras muitas necessidades. Aquilo foi revelador para o veneziano. O debate acerca da vida na cidade, da rua, do uso dos espaços públicos, da mobilidade urbana, dos interesses do capital instaurava um clima a um tempo alegre e de revolta. Não, o povo não estava domesticado. Um mar de gente rugia em ondas nas ruas.

Antes de partir, Marco Polo olhou ainda para as favelas e os condomínios. Esta cidade era belíssima. Respirou fundo, passou a mão sobre o cabelo e uma tristeza, destas inesperadas, o alcançou. O explorador foi embora levando com ele as muitas afetações em seu corpo e também um desconforto, que o fez pensar, temer, sorrir, parar, andar, rever.

Diante de Kublai Khan

*Eis o que gostaria de saber a seu respeito;
confesse o que você contrabandeia: estados
de ânimo, estados de graça, elegias
(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*)*

De volta ao Império dos Tártaros, Marco Polo foi ao encontro do curioso Klubai Khan. Parou diante do imperador, curvou-se e ouviu a pergunta inevitável: “então me fale sobre o Rio de Janeiro”. O explorador passou horas falando sobre o Rio e os cariocas. Talvez Marco Polo nunca tenha falado tanto como naquele dia. Ele gesticulava, soava, tremia, alterava a voz, fazia caretas. Frisou que de todas as cidades imaginárias que ele visitou, o Rio era, com certeza, a mais intrigante. Havia um pouco de cada cidade imaginária no solo carioca.

As favelas são um espaço heterogêneo constituído historicamente como lugar de supostos vagabundos, delinquentes e marginais. Há uma incessante produção discursiva na mídia, sobretudo, que produz e reforça a ideia da favela como *locus* do mal. “Contudo, nobre Imperador, esta premissa não se confirmou no meu primeiro passeio por uma favela carioca. O que vi foi um conjunto de casas construídas como se estivessem uma dentro da outra; repletas de gente simples que leva consigo o desafio da sobrevivência. É comum as famílias não terem homens. Os homens morrem jovens e morrem antes, nas guerras de mentira com mortes de verdade, nas operações policiais, nas trocas de tiros. Os homens se matam, os homens vão embora, os homens morrem de acidente, de bala perdida. Eles morrem meninos, morrem crianças (ZAMORA; CANARIM, 2009; WAISELFILSZ, 2010, 2011, 2012). São mulheres, velhas e meninas o que achei mais nas casinhas”.

Há muitos descendentes de nordestinos e negros nas favelas. Filhos negados da pobreza produzida pela própria sociedade carioca. Historicamente, contudo, as favelas se transformaram em local privilegiado para o varejo do tráfico de drogas e armas. A “guerra ao tráfico” é a principal justificativa para as inúmeras e constantes operações policiais. Isso, porém, modifica-se atualmente com a política de implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A polícia instala-se permanentemente nos morros e produz uma estranha paz, feita de silenciamentos, violências e ameaças. Paz sem participação coletiva. Paz para a especulação imobiliária e para a garantia da segurança da cidade para os megaeventos e megaprojetos: “Esses tesouros são cobiçados, grande Khan, e essas riquezas e sua disputa ajudam a configurar a cidade.”

Por outro lado, os condomínios se espalham pela cidade e seguem no encalço da utopia paranóica da cidade higienizada. Cidade que se quer fazer-se estranhamente sem pobres, com um sonhado distanciamento. A política dos condomínios antes é a outra face da política de mercantilização dos espaços urbanos e de fabricação de vida capital.

“Grande Khan, tanto os condomínios como as favelas fazem parte do mesmo projeto político de cidade. Uma é rejeitada enquanto a outra desejada. Uma aparece nas páginas policiais ou nos discursos assistencialistas. A outra aparece no comercial da TV feito com atores e gente famosa. Uma é a miséria, a mistura, a suposta desordem. A outra é a riqueza, a ordem. Estas diferenças estão também na cabeça, nos olhos, no coração, e no corpo de uma grande maioria de cidadãos assujeitados. Elas trazem traços de confinamento e controle produzidos a partir de uma dinâmica de poder que age sobre a cidade sobretudo, age sobre a vida.”

Quando terminou seu relato, Marco Polo ouviu pacientemente as inúmeras perguntas do Imperador e quis que seu relato tivesse um pouco de tudo o que viveu. Em silêncio, enquanto ouvia Kublai Khan, Marco Polo lembrou do que viu antes de partir: os corpos desobedeciam, ainda que a pancada chovesse; algumas caras eram cobertas, outras sorridentes e as ruas estavam tomadas de luta pela vida, sem que ninguém mandasse.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007.
- ALVARENGA FILHO, J. R. *‘A Chacina do Pan’ e a produção de vidas descartáveis na cidade do Rio de Janeiro: “não dá pé não tem pé nem cabeça. Não tem ninguém que mereça. Não tem coração que esqueça.”* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2010.
- ARBÉX JÚNIOR, José. *Showrnlismo. A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire: um lírico na época do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CALDEIRA, Teresa P. R. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos Cebrap*, nº 47, 1997.

- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. In: DELEUZE (org.) *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM editora, 2005.
- GATTO, Marcia Elizabeth Britto. *O outro lado de uma política de governo na reprodução e perpetuação de desumanidades: o recolhimento de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- GUATTARI, Félix., ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- INDOVINA, Francisco. Geologia da insegurança urbana: a construção social do medo nas cidades. *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº 02, 2001.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Segmentariedades: passagens do leme ao pontal*. São Paulo, Plêiade, 2009.
- NASCIMENTO, A. ; ZAMORA, M. H. . É legítimo matar em nome da lei?. *Polêm!ca*, v. 10, no. 4, p. 587-605, 2011.
- PECHMAN, Robert Moses. “Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular.” In: BRESCIANI, Stella (org.) *Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- PELBART, Peter. *Vida capital*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROSE, Nikolas. “Government and control”. In: GARLAND, David e SPARKS, Richard (orgs.) *Criminology and social theory*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SEIXAS, Wladimir. *Hiato: um documentário de Wladimir Seixas*. Rio de Janeiro, 2008.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público : tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- SOUZA FILHO, Alípio de. *Medos, mitos e castigo: notas sobre a pena de morte*. São Paulo: Cortez, 2001.
- VALADIER, Paul. O Futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo: leitura filosófica e teológica. In: NEUTZLING, I., BINGEMER, M. C. e YUNES, E.,

(orgs.) *O Futuro da Autonomia: uma sociedade de indivíduos?* Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009.

VILHENA, Junia de. “Da cultura do medo à fraternidade como laço social.” In: VILHENA, Junia de., CASTRO, R., ZAMORA, Maria Helena. (orgs.) *A cidade e as formas de viver*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

WACQUANT, Loic. Por um conceito sociológico de gueto. *Rev. Soc. Polít.* Curitiba, v. 23, p. 155-164, 2004.

_____. *Parola d’ordine: tolleranza zero*. Milão: Feltrinelli, 2000.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência – A Cor dos Homicídios no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.

_____. *Mapa da Violência – Os Jovens do Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

_____. *Mapa da Violência – Anatomia dos Homicídios no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

ZAMORA, Maria Helena. *Textura Áspera: confinamento, sociabilidade e violência em favelas cariocas*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. e CANARIM, Claudia. *Direitos de crianças e adolescentes: Extermínio, racismo e o velho silêncio*. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2009.

ZANETIC, André. Segurança privada: características do setor e impactos sobre o policiamento. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, nº 3, 2009.

José Rodrigues de Alvarenga Filho,
Universidade Federal Fluminense.
E-mail: jraf.85@gmail.com

Manuela Linck de Romero,
Fundação Gregorio Barenblitt-Instituto Félix Guattari.
E-mail: manuela.linck@gmail.com

Maria Helena Zamora,
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
E-mail: zamoramh@yahoo.com.br

¹ De acordo do Alvarenga Filho (2010), só no ano de 2007 foram computados cerca de 1350 autos de resistência apenas na cidade do Rio de Janeiro! Os chamados “autos de resistência” são as mortes registradas, oficiais, oriundas do confronto armado entre policiais e supostos bandidos.

² “Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada./ Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos,/ morrendo a vida, fodidos e mal pagos./ Que não são, embora sejam./ Que não falam idiomas, falam dialetos./ Que não praticam religiões, praticam superstições./ Que não fazem arte, fazem artesanato./ Que não são seres humanos, são recursos humanos./ Que não têm cultura, têm folclore./ Que não têm cara, têm braços./ Que não têm nome, têm número./ Que não aparecem na história universal,/

aparecem nas páginas policiais da imprensa local./ Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata”.

³ Termo utilizado por Deleuze (1992), para se referir a modulação das relações de poder no contemporâneo. Os dispositivos de controle tornam-se mais difusos, flexíveis e ondulantes. Do mesmo modo, a sociedade de controle vai imprimindo as suas novas e velozes modulações sobre as nossas maneiras de viver e de nos relacionarmos.

⁴ Expressão retirada de um anúncio imobiliário da Barra da Tijuca. Disponível em: <http://www.lancamentosdorio.com.br/imoveis/detalhes/mondrian-peninsula-residencial>. Acesso em janeiro de 2013.

⁵ Um acontecimento analisador, segundo Alvarenga Filho aconteceu em “três de agosto de 2000. Aproximadamente 300 pessoas, integrantes de movimentos sociais e moradores de comunidades pobres do Rio de Janeiro, fizeram um passeio pelo Shopping da zona sul carioca. Eles fizeram uma excursão num dos templos do consumo carioca, isto é, o shopping “Rio Sul” e despertaram a ira e o medo dos turistas desavisados. Na ocasião, o objetivo do grupo era conhecer o lugar, visitar as lojas, provar roupas, comer na praça de alimentação etc”. Este acontecimento, de grande repercussão, se transformou no documentário “Hiato”, dirigido por Vladimir Seixas (2008)”.

⁶ Para a discussão sobre as representações sobre violência urbana no Rio de Janeiro, consultar o livro “Vida sob cerco” de Machado da Silva (2008).

⁷ MANU CHAO. Canção: Clandestino.

⁸ O RAPPÀ. Canção: Minha alma (a paz que eu não quero).